

## **PELA CONSTRUÇÃO COLETIVA DE UMA TEORIA (CRÍTICA) BRASILEIRA, PRÁTICO-MATERIAL, DEMOCRÁTICO-POPULAR, TRANSFORMADORA: UMA ENTREVISTA COM JOSÉ CRISÓSTOMO DE SOUZA<sup>1</sup>**

Leonardo da Hora<sup>2</sup>

Felipe Maia<sup>3</sup>

Essa entrevista com José Crisóstomo de Souza explora a rica interseção entre a Teoria Crítica e o Pragmatismo no contexto brasileiro, destacando as contribuições únicas do entrevistado para esse diálogo. Doutor em Filosofia pela Unicamp, com tese sobre o movimento jovem hegeliano, e professor titular aposentado de Filosofia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Crisóstomo é coordenador do Grupo de Pesquisa Poética Pragmática e membro do Centro de Estudos Dewey e Pragmatismo. Com uma trajetória acadêmica que inclui períodos como professor e pesquisador visitante em instituições renomadas como UC-Berkeley, New School e Universidade de Humboldt (Berlim), ele é pioneiro no Brasil ao articular o pragmatismo e a Teoria Crítica, incluindo o marxismo, em uma perspectiva inovadora. Sua abordagem, que alia o que ele considera como o melhor de Marx e do pragmatismo, e que batizou de materialismo prático-poético, questiona abordagens tradicionais e propõe caminhos mais democráticos, práticos e enraizados na realidade brasileira. A entrevista revela, assim, sua visão de um pensamento crítico brasileiro que transcenda a simples recepção de paradigmas estrangeiros, buscando articular uma teoria crítica viva, construtiva e conectada às demandas históricas e sociais do país. Entre suas principais contribuições

---

<sup>1</sup> José Crisóstomo de Souza é professor titular do Depto de Filosofia do Programa de Pós-Graduação em Filosofia Contemporânea da UFBA, coordenador do Grupo de Pesquisa Poética Pragmática e membro do Centro de Estudos Dewey e Pragmatismo. E-mail: [crissouza@ufba.br](mailto:crissouza@ufba.br). <https://orcid.org/0000-0002-2370-4727>.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Filosofia e do PPGF da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA - Brasil. E-mail: [leonardo.jorge@ufba.br](mailto:leonardo.jorge@ufba.br). <https://orcid.org/0000-0002-0567-0770>.

<sup>3</sup> Professor de Sociologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, pesquisador do CNPq e pesquisador visitante da Universidade de Barcelona. E-mail: [felipe.maia@uff.br](mailto:felipe.maia@uff.br). <https://orcid.org/0000-0001-8184-7040>.

destacam-se *O Averso de Marx* (Ateliê de Humanidades, 2024), uma análise crítica e reconstrutiva do pensamento marxiano; a coletânea *Filosofia, Ação, Criação: Poética-Pragmática em Movimento* (EDUFBA, 2021), organizada por Crisóstomo e que reúne debates ao modo de uma “jam session” sobre o materialismo prático-poiético; o artigo “O Mundo Bem Nosso: Antirrepresentacionismo Poiético-Pragmático, Não Linguístico” (*Cognitio: Revista de Filosofia*, v.16, n.2, 2015), onde explora o emaranhamento prático e sensível humano com o mundo; *Pragmatismo Brasileiro* (capítulo em *The Reception of Peirce and Pragmatism in Latin-America*, 2020), que analisa a recepção do pragmatismo no Brasil. Além disso, Crisóstomo escreveu a introdução para o livro *Filosofia, Racionalidade e Democracia: Os Debates Rorty & Habermas* (Edunesp, 2011), no qual explora a tensão entre as concepções pragmatistas de Rorty e a teoria da racionalidade comunicativa de Habermas, oferecendo uma reflexão crítica sobre as possibilidades de diálogo entre essas abordagens filosóficas.

### **Pragmatismo e Teoria Crítica em perspectiva**

1. *Em 2011, você organizou o livro “Filosofia, racionalidade e democracia: Os debates Rorty & Habermas”, publicado pela Edunesp. Pelo menos desde essa época, você tem sido um dos poucos no Brasil a enxergar um potencial particularmente produtivo no diálogo crítico entre representantes da teoria crítica alemã e do pragmatismo norte-americano. Poderia lembrar o contexto que o motivou a organizar essa publicação, em particular, e, mais geralmente, as razões por trás de seu interesse nessa articulação entre pragmatismo e teoria crítica?*

Habermas e Rorty representam duas grandes viradas em suas respectivas, diversas, matrizes de pensamento, ao mesmo tempo na linha de uma notável convergência pragmatista. Jürgen Habermas, um “fim” (*outcome, Ausgang*) da teoria clássica alemã, e Richard Rorty um “fim” da filosofia analítica clássica, o primeiro via Peirce, o segundo via Dewey (e Wittgenstein). Embora, nos dois casos, não só isso; quer dizer, ambos contemporânea e cosmopolitamente muito informados por outras das contribuições filosóficas mais relevantes do nosso tempo. Duas inspiradoras, ousadas, exemplares,

pistas de desenvolvimento de pensamentos, não? Rorty e Habermas são ambos pragmatistas, destranscendentalizados, pós-metafísicos, não fundacionistas, cada um ao seu modo e por sua via, um mais “hegeliano”, outro mais “kantiano”. Ambos representam também uma espécie de teoria crítica deflacionada...

Para mim, são dois grandes “filósofos dialógicos”, dois polos gravitacionais destacados e centrais da filosofia do nosso tempo, dos que chamo de filósofos “civis”, que respondem a seu tempo e contexto. Não são fazedores-de-cabeça, mas instigadores de pensamento; filósofos honestos, que não se fazem de oráculos, que não se fazem de “deuses” nem se prestam a endeusamento, filiação cega, sujeição. É certo que Habermas tem frequentemente seu lado alemão pesado, mas não tem só esse, e Rorty, embora sabendo ser sofisticadamente técnico e erudito, tem uma prosa agradável, ao mesmo tempo coloquial e refinada - como diz Bloom, crítico literário: a melhor prosa filosófica do nosso tempo. Ambos têm livretos, artigos, ensaios, diálogos, entrevistas, coisas de jornal, acessíveis, compreensivos, esclarecedores - “nosso tempo apreendido em conceito”. Ambos democráticos, fazem filosofia e metafilosofia, e também história da filosofia, apropriadora, interpretadora, filosófica.

Entendi que a publicação de seus debates poderia mexer, produtivamente, por isso tudo, com nossa filosofia, digo, nossa comunidade nacional de filosofia, que ainda está por avançar mais em termos de fazer filosofia. O livro, com os debates entre os dois, uma mostra de filosofia viva e em movimento, teve, diga-se de passagem, uma imediata, generosa, acolhida pelo editor Jézio Gutierre, vendeu muito para a Ed. Unesp, acho que continua vendendo, difundiu-se amplamente e é amplamente citado. Na ocasião, a editora pretendia trazer os dois filósofos ao Brasil, junto com o lançamento do livro, para comemorar o aniversário da UNESP, quando infelizmente o amigo Rorty me informou da doença que o levaria à morte, enquanto Habermas, que também me havia dado sugestões para o livro, relutava em para isso atravessar o Atlântico. Muita gente, depois, aqui no Brasil, procurou também explorar esse diálogo e o livro, pragmatistas, que nosso saudoso Jean-Pierre Cometti pretendia publicar, tal e qual, na França, e do qual Dick Bernstein

me pediu um exemplar. Bem, fiz cuidadosas traduções das fontes, e minha introdução também repercutiu muito, como um enquadramento particular do debate, como pragmatista, e foi saudada efusivamente pelo querido Oswaldo Porchat, na quarta capa. Me refiro a essa Introdução porque ela responde mais extensamente a sua pergunta, as pessoas podem querer dar uma olhada nela, como sugestão, e segui-la.

*2. Em certos escritos e entrevistas, você parece trabalhar com uma versão especialmente ampla de pragmatismo. Além disso, menciona que sua escolha de estudar os jovens hegelianos, a partir de 1982, foi motivada pela compreensão de que, filosoficamente, ainda somos seus contemporâneos. Nesse sentido, você vê o pragmatismo como uma vertente democrática da filosofia da práxis e uma convergência de importantes desenvolvimentos filosóficos contemporâneos. Nesse arco, boa parte do que se chama hoje de filosofia pós-metafísica coincidiria com o que você denomina amplamente de pragmatismo, que inclui autores como Dewey, Putnam, Habermas, Rorty, Unger, Bernstein, elementos de Heidegger e do voluntarismo francês, entre outros. Poderia explicar como o pragmatismo, nessa leitura mais ampla, dialoga com o hegelianismo e a filosofia pós-metafísica, e de que forma ele pode ser uma plataforma para uma elaboração filosófica coletiva e viva nos dias de hoje?*

Sim, o campo, ou terreno, como gosto de dizer, é esse mesmo. Trabalho com uma noção ampla, minha, de pragmatismo, que inclui uma perspectiva alargada de suas fontes e versões, e já agora a noção de um pragmatismo nosso, digamos, mais continental e inteiramente brasileiro. Entendo o pragmatismo americano como parte de uma virada filosófica bem maior, prático-ativa, pós-metafísica, da qual pretendo também que faça parte minha própria elaboração de um ponto de vista prático-poiético, artefactual, materialista, histórico, nutrido também de Hegel, de Marx e mais. Não por isso deixo de reconhecer e celebrar, não obstante seu viés epistemologizante, a particular contribuição pragmatista norte-americana, os ensaios e conferências anticartesianos de Peirce, as contribuições filosoficamente revolucionárias (sic) de James, Dewey, Mead (este, influente sobre Habermas e sua sociologia). Celebro a ousadia, até petulância, de um país jovem, do Novo

Continente como a gente, sem tradição filosófica, os EUA, cedo apostar em filosofar por sua própria cabeça, com suas próprias forças, por sua própria via, com seu próprio estilo. Por isso desenvolvendo e “impondo” o que é hoje uma contribuição filosófica mundialmente reconhecida, recolhida inclusive por novos desenvolvimentos, críticos, da filosofia da velha e cansada Europa – na França, na Alemanha, na Inglaterra, na Itália, etc.

A “sugestão pragmatista” está aí pra quem quiser tomá-la, enquanto ainda está também um grande preconceito (talvez até mais forte entre os “cultos” brasileiros) e uma vasta ignorância (idem) a respeito dela, graças à infeliz contribuição, para isso, de Teoria Crítica de Frankfurt. Uma rejeição, bem depois, revertida pela posterior Teoria Crítica – o que boa parte de nosso pessoal teórico-crítico, porém, tratou de, por décadas, ignorar. Entretanto, John Dewey fora primeiro hegeliano (uma “inspiração” que absolutamente não abandonou), o pragmatismo americano nasceu em diálogo, entre outros, com o “idealismo francês” (também bastante ignorado, no nosso germânico Brasil); o texto fundante do pragmatismo, de Peirce, foi escrito originalmente em francês, por Peirce que sabia de cor longos trechos de Kant em alemão. Aliás, pela história que eu reconstituí, o termo pragmatismo pode ter sido usado pela primeira vez, publicamente, não por Peirce ou James, mas pelo filósofo francês da ação, Maurice Blondel, que depois desistiu dele, para seu próprio pensamento. Mais do que isso, sob o sugestivo título de *Un Romantisme Utilitaire* (1911), o pragmatismo em sentido amplo foi extensamente apresentado por René Berthelot, através de seus vários representantes, como coisa europeia, filiada principalmente a Nietzsche, cujo “Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral”, acho eu, bem merece, com proveito, ser lido numa perspectiva, até poético-pragmática, criativa...

Quanto ao hegelianismo/ jovem hegelianismo, especificamente, sobre o qual escrevi e publiquei tanto, pai assumido da Teoria Crítica, ele coincide com o pragmatismo em sua rejeição dos dualismos típicos, fixados, cartesianos, do pensamento classicamente moderno; parte da ideia do mundo, do real, como constituído, em mudança, e do sujeito, digamos, como suporte dessa atividade, prática, na História. Embora sem o mesmo caráter democrático, completamente terreno (destranscendentalizado), do

pragmatismo, as primeiras filosofias da ação ou da práxis, e, de certo modo, de uma humanidade (logo historicidade) do real/mundo, datam de antes de Marx, justamente no interior do hegelianismo de esquerda do séc. XIX. A Teoria Crítica tardou de se pôr no curso desse movimento, e até hoje não sabe muito bem como fazê-lo, apesar de contribuições como as de Habermas, de Jaeggi e de Celikates (bastante triviais), para isso. A Teoria Crítica sofre o peso de seus mortos “sobre os cérebros dos vivos”, enquanto nós, de outro lado, sem sermos estreitos e naturalistas como os americanos, não precisamos padecer disso. Somos modernistas por natureza, coisa que pragmatistas e neo-hegelianos também trataram de ser.

*3. Em seu trabalho, você menciona convergências entre o pragmatismo e a teoria crítica, mas também aponta áreas em que a teoria crítica, especialmente a chamada “primeira geração” da Escola de Frankfurt, apresenta deficiências. Como você compreende a história e a relação entre essas duas importantes “tradições” de pensamento, se é que podemos chamá-las assim? E como você imagina que seria possível reconciliar ou integrar essas duas tradições de maneira a superar as fraquezas que identifica em cada uma? Você critica a virada linguística na teoria crítica, especialmente como ela se manifesta na filosofia continental do final do século XX. Quais são, na sua visão, as principais limitações dessa abordagem, e como o foco nas práticas sociais materiais oferece um quadro mais eficaz para a teoria crítica?*

Malgrado suas intenções antidogmáticas e transdisciplinares, não acho que a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, de um modo geral, seja o melhor desenvolvimento filosófico a partir de Hegel e de Marx; um desenvolvimento fixado em crítica como negatividade extrema e nas sedutoras, hipnóticas, chaves críticas do humanismo mais especulativo de Marx, particularmente as noções, aí não criticadas, de alienação e fetichismo da mercadoria, tomadas, para mim, em termos presunçosos, superiores, intelectualistas. Desse pessoal, confesso, tenho mais simpatias pelo hegeliano-marxismo, digamos, vitalista, vibrante, de Razão e Revolução, de Marcuse, não deprimido. De modo que eu não falaria aqui propriamente de “conciliação entre duas tradições”, mas em sua reconstrução, radicalmente

autocrítica (do pragmatismo também), como tentada de diferentes modos por Habermas, Honneth e, destacadamente, por fim, como já disse, por Rahel Jaeggi e sua *Crítica das Formas de Vida* (Deem uma olhada no seu artigo de apresentação desta, se bem me lembro primeiro publicado em francês)<sup>4</sup>, que recomendo vivamente. Sobre Jaeggi, aliás, publiquei algumas páginas, sempre em espírito crítico, autônomo-dialógico, apropriador, textos que em sua maioria ela incluiu no seu site oficial da Universidade de Humboldt<sup>5</sup>. Na sua obra, Marx e Hegel aparecem por um lado prático, materialista, nada especulativo, menos negativo, mais ontológico-sociológico, até interacionista e empírico, que tem mais a ver comigo.

Falando francamente, a Escola de Frankfurt me aparece como tendo uma forte filiação mística, pouco secular, à qual sua geração mais recente ainda acha que deve prestar tributo, coisa obviamente de algum interesse cultural, que entretanto não tem o mesmo interesse crítico-político-social. Me refiro a isso porque gosto de expor o lado contingente, particular, dos desenvolvimentos filosóficos, todos eles, que mistificamos tanto, e recuperar sua dimensão de radical reformabilidade. Não vejo com ânimo reconciliatório a proverbial obscuridade intelectualista, exemplificada em Adorno, felizmente ausente em Jaeggi, também em Nancy Fraser p. ex., do mesmo modo que não vejo assim, digo, com boa vontade, o que considero ser sua recepção, filosófica e politicamente acrítica, de Foucault, como “teoria crítica francesa”, que sabe para afetar cosmopolitismo. Para mim, a TC precisaria ficar mais prática, política, democrática, construtiva, moderna, contemporânea, secular, o que para mim quer dizer mais efetivamente (não metafisicamente) materialista. Devendo ela, de outro lado, posicionar-se para além do discursivismo, linguocentrismo, intersubjetivismo, sem mundo e sem matéria, sem economia, creio que condicionado, entre outras coisas, pelo tradicional repúdio de tudo mais como “razão instrumental”.

---

<sup>4</sup> Nota dos editores: O texto ao qual Crisóstomo se refere aqui foi publicado como Jaeggi, R. (2015). Towards an Immanent Critique of Forms of Life. *Raisons politiques*, N° 57(1), 13-29. <https://doi.org/10.3917/rai.057.0013>.

<sup>5</sup> Nota dos editores: Crisóstomo publicou dois textos em 2020 sobre Jaeggi na “Coluna da Anpof”: “Rahel Jaeggi e o fim da teoria crítica alemã” (<https://www.anpof.org/comunicacoes/coluna-anpof/rahel-jaeggi-e-o-fim-da-teoria-critica-alema>) e “Rahel Jaeggi e a reconstrução prático-materialista da teoria crítica” (<https://www.anpof.org/comunicacoes/coluna-anpof/rahel-jaeggi-e-a-reconstrucao-pratico-materialista-da-teoria-critica>).

Quanto a isso, de fato, no lugar da linguagem como toto-mediadora, única, absoluta, ofereço como ponto de partida nosso emaranhamento material, *sinnlich*, também significativo, com o mundo sensível e de nós com os outros, como proponho em minha crítica geral ao “linguocentrismo”, também os de Rorty e Habermas, e, claro, o de Foucault. Não é por essa via, ademais, que superaremos positivamente (sic) os defeitos dualistas, deterministas, “representacionistas”, dogmáticos do materialismo histórico de Marx. Em termos de Teoria Crítica, eu gostaria de propor outra coisa, que recupere uma parte mais interessante de Marx (e de Hegel). Vamos a uma “Teoria brasileira”, uma teoria crítica reconstruída, nossa, para o mundo. Sobre isso, a essa altura, posso recomendar a leitura do meu “Teses ad Marx: Considerações sobre o (Não)Pragmatismo de Marx”<sup>6</sup>, onde aproximo e distingo as duas “tradições” a que você se refere, sempre para sair com outra coisa. Não conheço quem tenha feito isso direito, considerada inclusive a alentada tentativa de Sidney Hook em *Towards the Understanding of Karl Marx: A Revolutionary Interpretation* (Prometheus, 2012), sobre quem escrevi, marxista americano, discípulo querido de John Dewey, além de amigo íntimo de Rorty e de sua esquerdista família.

### **“Pragmatismo” e “Teoria Crítica” no Brasil**

*4. Apesar de sua relevância, inclusive considerando suas distintas e sucessivas apropriações nos modelos mais recentes da teoria crítica frankfurtiana, o pragmatismo ainda parece ter uma recepção relativamente tímida no Brasil, especialmente entre aqueles que se dedicam à crítica social e à teoria crítica. Enquanto no exterior assistimos a uma tendência de “pragmatizar” a teoria crítica, o mesmo, aparentemente, não se verifica aqui. A que você atribui essa resistência ou pouca visibilidade do pragmatismo nas discussões teóricas brasileiras? Brasileiros intelectuais não gostam de pragmatismo.*

---

<sup>6</sup> Artigo publicado na Revista Cognitio, PUC-SP, v. 13, n.1, 2012. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitiofilosofia/article/view/11660/8390>.



Como disse acima, no Brasil temos sido os últimos a ousar mexer em qualquer marco metropolitano de pensamento, mesmo quando estamos claramente vocacionados a isso. É que nunca nos consultamos/ aprovamos a nós mesmos, nem ao nosso lugar, ademais de nos termos constituído, como país, em forma escolástica, e depois de uma forma mais classicista eurocêntrica, mais conservadora do que a dos próprios europeus. Nossa ideia de ser-culto e de cultura, pedante, bacharelesca, que sobredetermina a de crítica e de filosofia da praxis, não haveria de favorecer posições gringas, tomadas como filisteias, praticistas, utilitárias, além demasiado deflacionadas para merecerem o nome de filosofia. Sintomaticamente, com os franceses aprendemos a ser absolutamente alemães, francamente alemães (!), Marx a montante e a jusante do que mais deve interessar em história da filosofia. Marx, conservadoramente, como super filósofo canônico, que afinal está na esteira de Platão, Aristóteles, Espinosa, Kant e Hegel, como ápice desse curso inteiro de pensamento ocidental clássico, metropolitano. Como você mesmo diz: intelectual, acadêmico, de esquerda, crítico, brasileiro, não quer saber de pragmatismo, quer exercer, vicariamente, seu múnus crítico superior, puro, abstrato, sem nenhuma particular consideração deflacionista, civil, por contexto. O pragmatismo não dá suporte a pretensões de superioridade, de olhar superior, negador, arrogante quanto ao que é seu outro. Isso piorou com a institucionalização universitária da filosofia entre nós, bem como com o desenvolvimento dito “ocidental” do marxismo, que merecia outra coisa, em ânimo democrático. Naturalmente, aqui estou criticando modos atávicos dominantes, de pensamento, entre nós, no Brasil, não desconhecendo nossas possibilidades e potencialidades para o trabalho efetivo de filosofia, de fazer filosofia, de criar pensamento, que muitos de nossos ensaístas históricos e mais movimentos entre nós buscaram honrar. Tampouco estou diminuindo a importância de tomar a Teoria Crítica como termo de diálogo e de referência de (re)elaboração, nossa, justamente no campo de uma virada prático-transformadora da filosofia.

*5. Em que medida o pragmatismo pode ser articulado ao contexto brasileiro, levando em conta nossas particularidades culturais, sociais e*

*políticas? Você acredita que há potencial para o pragmatismo crescer como uma alternativa de pensamento crítico no Brasil?*

A ideia não é “o” pragmatismo, mas um certo “pragmatismo”; melhor dito, um ponto de vista prático, material, de construção e criação. Fiquemos com isso: progressista, democrático, popular, nacional. De quem tem um País por construir, materialmente mesmo, simbolicamente também, novo, original, um país a integrar, cuja formação nacional está por concluir (sobre essa formação, vide o livro de nosso colega Ivan Domingues sobre Filosofia no Brasil). Um ponto de vista prático, que eventualmente dialogue com as bases de certos desenvolvimentos norte-americano, sim, como também com o pensamento mais contemporâneo em geral, de virada prático-democrática – epistemologicamente, ontologicamente, esteticamente. Sem normativismos transcendentais, abstratos, antipolíticos; um pensamento que seja *science-friendly*, sem ser cientificista, positivista. Um pensamento conciliado com a artefactualidade do mundo humano, que abra espaço para as humanidades no exercício de um bom pensar crítico, mas não como algo oposto a – acima de – mundo e povo, oposto à relação dos demais com o mundo.

Quer dizer, não vamos sair agora correndo atrás de - mais - uma corrente filosófica, ou paradigma, pronto, de fora, dizendo “agora é isso!” Mas de um pensamento que, de saída, dialogue com o histórico, social, cultural nossos; até, desculpem, um pensamento que ame esse país, esse povo, esse povão, solidário com ele. Que trate de conhecê-lo, de aprender com ele, com nossa própria história. Isso vale para o rumo da teoria crítica e das humanas em geral. Teoria como? Quanto? Como crítica? Quanto? Teoria sem teorismo, e crítica como solução de problemas, como construção, prática, não como coisa intelectualista e antipopular, negativa, cripto-niilista. Ser crítico é guardar para o pensamento uma disposição de independência e autonomia, reflexiva, livre, criadora. Pensamento crítico é pensamento que, modestamente, examina em primeiro lugar a si mesmo, a seus pressupostos, seu jargão. Não é pensamento negativo, “poder do pensamento negativo”, um pensamento, em primeiro lugar contra. Contra pelo que afirma, produz, promove, na prática, e, nisso, se contrapõe ao que se crispa como obstáculo.

Do outro lado, ser pragmático é ser pós-metafísico, com ganhos de sensatez, de destranscendentalização; é ser deflacionista, razoável, o que não é o contrário de ser ambicioso, até divino e sublime. Creio que não somente há uma potencialidade para esse modo prático como alternativa de pensamento crítico no Brasil. Mas há absoluta necessidade de algo assim, diante de uma exaustão, política, cultural, intelectual, dos modos negativos, importados, supostamente de esquerda, que atingiram agora seu limite, bizarro, de negatividade, entre nós e no mundo. Precisamos de um novo modelo de intelectual prático-crítico. Faço notar que a Teoria Crítica parece ser essencialmente um grande desdém pelo mundo comum, pelo ser humano comum, decretado como obtuso e obliterado, mais, assim, por esses teóricos, do que até mesmo a burguesia! Isso, entre nós, agora, em termos de burrice e nulidade do “pobre de direita”, do homem comum a ser por nós ilustrado, no estilo do pior Iluminismo autoritário, até quando pretensamente anti-iluminista. Isso é um fiasco e um beco sem saída, venha de onde vier, em que língua vier, com que autoridade vier. Do lado “roots”, “anti-ocidental” também, sempre esquizofrênicamente dissociado do que efetivamente está em jogo no mundo real, material, e de qualquer disposição produtiva e autônoma.

*6. Dada sua crítica ao que descreve como a natureza colonizada de grande parte da prática filosófica brasileira, como você vê o papel do pensamento filosófico brasileiro se intersectando com o pragmatismo? O pragmatismo pode contribuir para uma prática filosófica descolonizada e empoderada?*

Sem dúvida. Não vejo por que haveríamos de ter vocação para repetir pensamento alemão, pensamento francês, pensamento americano. Ou mesmo pensamento dito “ameríndio”, ou “africano”, moda estrangeira, metropolitana, aqui assimilada acriticamente, mais uma vez como desculpa para não pensar por si. A não ser que estejamos aqui apenas pra ressuscitar - perseverar como - escola teuto-sergipana, departamento francês de ultramar, sucursal da filosofia analítica anglo-americana, ou da escola franco-gringa desconstrucionista, promovida pelo Império Americano, Fundação Ford, pelos outros, sub-impérios, coloniais, agressivos, decadentes, genocidas. O ponto

de vista prático, contextualizado, brasileiro, ao contrário, é uma pista aberta e plural, que pode ser trilhada, inclusive, em diálogo com aquelas influências, sem macaqueamento porém. Sem precisar virar, de outro lado, algo pitoresco, exótico, folclórico, pseudo-filosofia buana (como eu chamaria), ou “ativista ultra “anti”, que não trate de honestamente elaborar também sobre questões temáticas, como conhecimento, ação, normatividade, estética, ciência, religião, técnica, de modo sugestivo para a vida da cultura, da política, da academia, etc. desse país – e do mundo a partir dele também. Com melhores respostas, mais esclarecidas, do que as tradicionais metropolitanas, sem que isso queira dizer apenas – ignorantemente, pioradamente - pseudo-elaborações, denunciastas, ativistas, apenas por isso, supostamente, justificadas e superiores, como se fossem particularmente críticas e argutas.

Além do modelo escolástico, colonial-formador, e do modismo sem pensamento, o Brasil tem conhecido, historicamente, ensaios de pensamento próprio, até influentes movimentos de ideias, bem como experiências de pensamento “internacional” bem nacionalizado, bem utilizado, apropriado. Pensamento aqui tornado efetivo, tendo maior e menor implantação, vida e história, impacto na política, na cultura, na ciência natural, nas ciências sociais. Como no caso do socratismo, do naturalismo, do positivismo, do tomismo, do marxismo, do pós-estruturalismo, da filosofia analítica. Junto com expressões de espírito, mais gerais, de grande interesse filosófico, nossas, na literatura e na teoria social também. Movimentos e escolas de pensamento, como o Instituto Brasileiro de Filosofia, o Modernismo, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros, o Instituto Brasileiro de Filosofia, o Marxismo político, o Marxismo uspiano, o Tropicalismo, na esteira dos quais ponho meus próprios esforços.

Vejo meus próprios esforços de pensamento teórico-crítico na esteira desses movimentos, tanto quanto de desenvolvimentos filosóficos “internacionais” dos nossos dias, que não podem deixar de ser criticamente acompanhados. Afinal, estamos fazendo pensamento para esse mundo e esse tempo, não pensamento paroquial, e não há por que não tratar de marcar posição aí, enfrentando o bloqueio e o desdém, sistemáticos, habituados, esposado tacitamente por nós próprios, esposado também por nossos mais

queridos amigos estrangeiros, pelo que venha do lado de cá. Nesse campo, como já disse, acho que nos cabe ter nossa própria virada prático-crítica, nossa própria pauta filosófica, e é uma vergonha que não as tenhamos, culpa exclusivamente nossa, por nossa fuga sistemática de fazer filosofia. Como nos demais terrenos, nos submetemos à tradicional, colonizadora, divisão internacional do trabalho, eles produzem nós consumimos, até quando estamos nos achando críticos de capitalismo, imperialismo, colonialismo, autoritarismo, patriarcalismo, até quando nos achamos rebeldemente nietzschianos, marxianos, foucaultianos.

*7. Você foi um dos fundadores do Centro Dewey na UFBA e tem uma longa trajetória ligada ao pragmatismo. Quais foram as principais contribuições desse centro e de sua pesquisa para a difusão do pragmatismo no Brasil, particularmente no campo da filosofia social e política?*

Como você sabe, John Dewey já foi descoberto e adotado pela Teoria Crítica Alemã. A sociologia europeia já descobriu Mead. Habermas virou neopragmatista kantiano, peirceiano. Rorty, neopragmatista “hegeliano”, deweyano, pós-analítico. Bem, o nosso centro Dewey procurou intercâmbio com os pragmatistas, nos Estados Unidos e, sempre horizontal, dialogicamente, em toda parte, no resto do mundo, para algo tipo rede, que nós temos vocação pra essas coisas, pra “constelar”, pra movimentar, pra nacionalizar e internacionalizar ao mesmo tempo. Mas Dewey no Brasil até pouco tempo atrás não vinha tendo interesse filosófico, você encontra deweyanos na educação, o que naturalmente vai mudar depois de até a velha Europa tê-lo descoberto e legitimado. Verdade que nós, no Brasil, temos um bom, apropriador, deweyano pragmatista, Anísio Teixeira, figura extraordinária, que nos deixou muito, de prático, de teórico, de político e de institucional. Temos ainda outro, muito bom: Roberto Mangabeira Unger, cujo pensamento e propostas sugiro que todos procurem conhecer.

John Dewey, durante sua vida, viajou muito e teve impacto muito além dos Estados Unidos; a turma deveria saber que até Mao Zedong, professor, foi primeiro razoavelmente deweyano. Eu, que cedo fui professor secundário (no básico também), ainda garoto tratei de conhecer o pensamento dos

representantes do nosso extraordinário movimento Escola Nova, de inspiração anisioteixeiriana e deweyana, que ajudavam a saber ensinar, mas também a saber estudar, a aprender (fui autodidata nisso e em muitas coisas mais). Dewey, como estilo, não é uma leitura empolgante, mas seu *Reconstrução em Filosofia*, depois *Experiência e Natureza*, *Arte como Experiência*, que estudamos em grupo, como Centro, foram para nós formadores, sigo sugerindo que todos estudem. Dewey chegou a ser “o” filósofo nacional dos Estados Unidos, do tempo em que este era um país em construção; foi um filósofo democrático e engajado, progressista, radical, quase um Marx, contribuindo/ militando para a criação movimentos e instituições a favor do progresso social e democrático – como o nosso Anísio. Nós passamos para além do Centro Dewey quando enveredamos pelo nosso próprio desenvolvimento filosófico, como Grupo, Círculo ou Movimento Poético-Pragmático e Ponto de Vista Materialista Prático-Poiético em filosofia. Mas Dewey não perdeu interesse para nós.

### **Por um Materialismo prático-poiético e filosofia/teoria como coisa civil**

8. *Como já foi mencionado, você propõe um "materialismo prático-poiético", que enfatiza uma dimensão material para o pragmatismo. Poderia explicar o que distingue essa perspectiva do pragmatismo clássico, especialmente em relação ao tratamento do materialismo e da criatividade?*

Deixe que me reporte a essa altura ao que considero as duas pedras angulares do pragmatismo. A chamada “sentença de [Alexander] Bain”, parceiro escocês de Stuart Mill, que dá panos pra manga e pode nos servir: “Uma crença é uma disposição para agir”. Não posso desenvolver aqui essa ideia, que tomo para mim ao meu modo, de tradução de crença/significado em conduta, sensível, no mundo. Com razão Peirce disse dela (coisa que muita gente não presta atenção) que o pragmatismo inteiro não é mais do que seu “corolário”. A outra pedra angular do pragmatismo clássico, muito afim da primeira, é a “máxima pragmatista”, do próprio Peirce, que eu chamaria de fio condutor do pragmatismo (norteamericano), que ao longo da sua obra encontrou diversas formulações. Posso então oferecer uma minha: a noção que temos de uma coisa é a do conjunto de seus efeitos práticos, sensíveis,

que se mostram na nossa interação com ela. Quer dizer, é a noção de seu “comportamento” em interação conosco, por extensão também do nosso em interação – satisfatória, orientada por propósitos – com ela. Como que por uma “dança”, quando tiramos algo ou alguém para dançar. Marx teria sem dúvida sido muito mais e melhor materialista (prático, não metafísico), em coisas tais como conhecimento, verdade, significação, representação, até normatividade, se tivesse ido por aí. Ele teria sido melhor (pós-)darwiniano também, percebido bem melhor do que de fato percebeu as implicações filosóficas do darwinismo nesse terreno - como Nietzsche e Dewey perceberam, e até Rorty, malgrado seu linguocentrismo de pós-analítico. Eu pretendo estar nessa família, com um perfil próprio, vocês já sabem.

E o que se pode dizer que o que o distingue do pragmatismo clássico é, pra começo de conversa, que dou àquelas alegações um sentido em primeiro lugar “ontológico” (materialista prático), mais do que apenas lógico ou epistemológico. Tal sentido tem agora a ver com o nosso modo de ser no mundo e uns-com-os-outros, com nossas inevitáveis atividades de criação e uso das coisas (estas com papel ativo, mediador), quer dizer, com o nosso “emaranhamento” prático-sensível, produtivo, com o mundo. O pragmatismo tradicional tem a ideia do nosso ser no mundo, que entende mundo, ambiente, basicamente como natureza: nós, seres humanos, organismos, de um lado, a natureza, como meio-ambiente, do outro. Nossa atividade aí concebida, pelo pragmatismo, basicamente como de adaptação, não de criação, em resposta a nossa “experiência” dele/nele, mundo. Isso de modo não determinista, não passivo, e ainda que experiência aí (por influência da *Erfahrung* hegeliana) não seja o que assim denomina o empirismo clássico, abstrato, atomista, “contemplativo”. Note-se bem: nosso movimento de interação com o mundo, é, para nossa perspectiva, também um movimento de produção/criação dele, e, assim, nosso ambiente/mundo é mais bem um conjunto de “coisas sociais”, feitas por nós, artefatos, meios, objetivações e mais. Ou seja, nossa interação implica um movimento de “dirigir-se” (por uma intencionalidade sensível, livre, nossa), a coisas e ao mundo; uma capacidade de “tomá-lo”, mas também de “pô-lo” (*setzen*) – socialmente e interativamente, mas não como sujeito metafísico. Em conclusão, me permita, como arremate, para nós, “no começo

é o ato”, quer dizer, a própria experiência se dá na ação e pela ação – nossa. “E, logo, o artefato”, que dizer, nosso agir é essencialmente material-sensível, criador, “toma” coisas e põe artefatos, o que confere ao nosso mundo/ambiente, e até a nós mesmos, uma certa artefaturalidade. Artefatos “determinam” modos de interação e até de subjetivação; deem uma olhada nas coisas que escrevi sobre isso, como o já referido “Mundo Bem Nosso”<sup>7</sup>, até aqui generosamente comentado e discutido por vários colegas em textos publicados.

*9. Sua interpretação de Marx, inclusive no recente O Averso de Marx (Ateliê de Humanidades, 2024), se afasta de leituras mais tradicionais ao criticar o essencialismo e o dualismo em sua obra. Como a sua perspectiva prático-poiética oferece uma correção a esses aspectos do pensamento de Marx, ao mesmo tempo em que preserva seu foco materialista? Podemos interpretar seu movimento como uma “pragmatização” de Marx? Inversamente, que tipo de contribuição essa “reconstrução” de Marx poderia trazer ao pragmatismo?*

Já dissemos algo que envolve isso, mas voltemos mais diretamente a Marx, que é sempre a partir dele que penso criticamente a Teoria Crítica, quer dizer, note-se bem, assumo que a boa reconstrução da Teoria Crítica é primeiro uma reconstrução do Marx que a constitui, uma reconstrução que daí questiona aquele particular enviesamento do marxismo, de intenções corretivas, de consequências discutíveis, além de já a essa altura caduco. De fato, em comparação com o marxismo, entendo que pragmatismo, como “filosofia prática”, tem seus próprios problemas (certo naturalismo), mas não é essencialista, nem substancialista, nem transcendental, nem teorista, nem representacionista, nem dualista-determinista. E esses são problemas que podemos pôr em Marx, que tenho mostrado exaustivamente onde estão, nos termos em que o próprio Marx alegremente os assume – no meu já mencionado “Averso de Marx”, por exemplo. De modo que se pode, sim, entender uma boa reconstrução de Marx como uma espécie de virada “pragmatista” nele, embora eu prefira falar, não em pragmatismo, mas em um “materialismo prático”,

---

<sup>7</sup> Artigo publicado em *Cognitio: Revista de Filosofia*, v.16, n.2, 2015. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitiofilosofia/article/view/27770>.



menos alemão, mais brasileiro, mais contemporâneo. Prefiro evitar uma desnecessária filiação, já que o pragmatismo também deve ser reconstruído, e que Marx tem algumas vantagens sobre ele, a serem recuperadas. Vantagens como sua disposição historicista, materialista, seu artefactualismo etc., a serem retomadas e radicalmente melhoradas, reconstruídas. Então, sim, nosso ponto de vista prático-poiético quer ser uma terceira coisa, outra coisa, com relação aos dois, marxismo e pragmatismo.

Senão vejamos. Marx tem assumidamente um *Leitfaden*, um fio condutor, é ele quem diz, o termo é dele, tem um ponto de partida, base, pedra fundamental, esteio. Tem uma “pegada” (eu prefiro esse termo), geral, coisa que gosto de buscar nas filosofias que me interessam, com as quais dialogo, que “diagnostico”. É algo que eu próprio trato de oferecer também para o que construo/articulo conceitualmente, sempre de um modo que não envolva “fundacionismo” - dogmático, metafísico, excludente. No caso de Marx, o fio condutor ou pegada é justamente o princípio de seu materialismo, prático, social, embora também “transcendental” (empírico-transcendental). Marx começa pelos seres humanos, com sua particular constituição corpórea, entrando em determinadas relações uns com os outros e com o mundo, na incontornável atividade de provimento de sua subsistência e de sua reprodução, segundo o grau desenvolvimento de suas capacidades e meios, artefatos, as tais forças produtivas. Marx está preocupado em estabelecer essa interação material como envolvendo uma dinâmica, uma dialética, objetiva, autônoma, fora da consciência dos seres humanos, independente de suas (auto)representações. Estas vêm depois disso, como uma segunda esfera, “espiritual”, determinada (passiva, até reflexa), quase como se no primeiro nível só existisse fazer sensível, material, sem pensamento, e na segunda pensamento sem fazer – com dimensão material/sensível, ativa, produtiva. Isso, claro, para dizê-lo aqui de modo simplificado, por redução, em quatro linhas.

Temos aí, em todo caso, duas esferas, infraestrutura e superestrutura, um dualismo básico, nada inessencial, mas constitutivo para a sua totalizante Teoria. Quanto a nós, também partimos de nossa constituição corpórea, como algo que conforma nosso envolvimento ativo com o mundo: social, prático,

sensível, produtivo, logo histórico. Entretanto um envolvimento marcado por uma intencionalidade livre, ativa: sensível, corpórea, criadora, material, significadora, que, apud Darwin, pace os linguocêntricos, temos mais ou menos em comum com os demais animais. Um envolvimento originário (sic) desde já, também, como disse, livre e criativo, pensado, cognitivo, sensível, fazedor – constituidor do mundo humano, em todos os níveis, sem dualismos. Esse é o nosso ser-no-mundo tanto quanto o nosso ser-com-os-outros; os seres humanos põem objetos e são postos por objetos e objetivações – diz Hegel, idealista objetivo, e diz Marx, materialista passivo. Reconhecendo-se ou não criadores (uns mais, outros menos assumidamente, ponderaria Nietzsche), os seres humanos recortam o real pela prática sensível (poética), significadora, apropriadora, também, em consequência, pensante e linguística.

Dewey, pragmatista de ênfase instrumentalista e experimentalista, também biológica-darwiniana, com traços hegelianos de formação, fica mais ou menos por aí, um pouco aquém disso, tomando ciência natural (segundo uma noção de ciência mais contemporânea e menos alemã do que a de Marx) e solução de problemas como centrais e paradigmáticos, tendo a relação homem-natureza como moldura. Bem, desculpe se me faço aqui muito rápido e ultra panorâmico, com botas de sete léguas. É, em todo caso, no meio disso que encontro lugar para meu ponto de vista poético-pragmático, sinteticamente esboçado, como já disse, no ensaio “O Mundo Bem Nosso”. Devo parar por aqui. Só mais uma coisa: é desse mesmo emaranhamento, digamos ontológico-antropológico, e de volta a ele, que brotam, estabelecem-se e evoluem nossos valores epistêmicos e normativos.

*10. Você defende que a filosofia deve estar mais conectada à vida civil e pública, a contexto, contrastando isso com formas de filosofia mais escolásticas, academicistas, colonizadas. Como você imagina que a filosofia e as ciências sociais podem desempenhar um papel mais ativo e crítico nos debates sociais e políticos contemporâneos? Ao modo de uma Teoria Crítica nossa?*

As filosofias não constituem um ocioso cultivo de erudição, uma flor da cultura, da civilização, apenas para nossa distinção e fruição intelectual, para podermos dizer que fazemos (não fazemos) como franceses e alemães. Elas têm um papel, seja mais direto ou mais mediado, no desenvolvimento da vida institucional, cultural etc. de um país, na verdade sua vida educacional, científica, política, moral, artística, religiosa, com que dialogam e também expressam, codificam, articulam. Não “monopolistamente”, mas “pluralistamente”, nos debates em que se afirmam, no conjunto que compõem e determinam. Pense-se, por exemplo, em Hume para a Inglaterra, Dewey para os EUA, Comte e o Espiritualismo para a França, em diferentes épocas, conforme diferentes conjunturas, contextos sociais, âmbitos geográficos, na constituição de diferentes tradições, por sua vez formadoras. Movimentos como mesmo a escolástica, no seu contexto/tempo, depois o racionalismo, o empirismo, o romantismo, a filosofia analítica, o existencialismo, o idealismo alemão. No Brasil, filósofos como Verney, Silvestre Pinheiro, Miguel Lemos, como nos mostram as valiosas pesquisas de nosso colega Paulo Margutti, tiveram o papel de pautar a vida intelectual/ espiritual/ científica do País, pós-colonial, mais urbano, civil, também naquilo que ela tem de mais prático, efetivo.

Hoje, acho, as comunidades filosóficas nacionais, dos diversos países, dependem menos de figuras “torreantes”, excepcionais, supostos gênios, filtrados, canonizados e difundidos por contextos históricos metropolitanos. Trata-se antes de comunidades de investigação e elaboração sobre temas e questões, postas pelos respectivos tempos e contextos, suas inquietações, crises, debates, desafios. No nosso caso, absolutamente não se trata de esperar o “Kant brasileiro”, para que a vida de pensamento, filosófico inclusive, aqui floresça e cumpra o seu papel, de crescimento, autonomia, emancipação. Uma comunidade filosófica de país grande, inevitavelmente de peso, como o nosso, com impressionante base social e institucional, mesmo de um país sem pesada tradição filosófica (o que também é uma vantagem, que favorece o cosmopolitismo, a abertura, a criação, a inovação, o experimentalismo), uma comunidade cara, custosa, deve obrigatoriamente mostrar serviço à sociedade. Nova, em formação, deve inclusive exercitar-se

mais, pelas mesmas razões, necessariamente, em metafilosofia, isto é, na tematização do que é mesmo filosofia e o que é fazer filosofia, digna do nome, com sentido e efetividade. Não acho que haja como escapar de nossas obrigações e responsabilidades, oportunidades e acúmulos, nesse campo.

Entendo a filosofia como uma das humanidades, e uma disciplina próxima das ciências humanas e em diálogo com elas. Mas gostaria que não se renunciasse a desenvolvê-la, também, no diálogo com as ciências naturais, com as técnicas, as engenharias, as disciplinas aplicadas de todo tipo. Como encarnação do próprio espírito de universidade, como tendo um papel nessa interconexão/intercomunicação geral entre saberes, e na sua operacionalização. Esse país precisa sair da falta de ambição e autoconfiança no terreno do pensamento - quem sabe assim contribuimos para que o conjunto do país o faça, em todas as esferas. A Alemanha, atrasada, no séc. XIX, primeiro se tornou contemporânea dos países mais destacados na filosofia, não é o que dizem? Vamos lá, então, não como repetidores sem imaginação, claro. Ponhamo-nos na esteira de nossos esforços precedentes, de filosofia, de teoria, de espírito em geral; pessoalmente me considero um desenvolvimento que parte de e dialoga criticamente com contribuições do Iseb, do marxismo uspiano, do modernismo brasileiro, da teoria social e política brasileira, dos bravos colegas da Anpof e de fora dela, de gente de pensamento que se debruça sobre o Brasil em geral. Isso de modo que inclua, também os desenvolvimentos contemporâneos mais relevantes, de filosofia e de espírito, fora do Brasil, mesmo quando muito pouco impressionado por vários deles. Acho que aqui dá pra fazer bem melhor - do que Butler, Agamben, Byung-Chul Han, em todo caso.

*11. Antes de finalizarmos, você gostaria de falar sobre algo que não tenha ainda sido tratado? Ou gostaria de aprofundar algum ponto mencionado antes?*

Antes de dar o papo por concluído, quero dizer, muito brevemente, algo sobre um último ponto, a dimensão normativa do ponto de vista crítico que proponho. Nesse terreno, a Teoria Crítica tradicional, pouco política e nada positiva, por razões de origem, agravadas, nos deixou com certos hábitos de

pensamento, que dificultam avançar, e que convêm enfrentar, mesmo que, aqui, muito abreviadamente. Digamos, então, alguma coisa, sobre um manter-se crítico, na verdade melhor crítico – mais crítico, mais político, mais prático, mais transformador. O ponto de vista prático-poiético, material, tem, no plano político e social, uma posição crítica progressista, pelo construcionismo institucional, cumulativo, como uma posição radicalmente transformadora, popular, democrática, de alcance econômico, material, includente, produtivo, criador, ao final, estruturalmente transformadora. Por falar em construcionismo institucional, “propriedade” também é uma instituição, como mercado é outra, históricas, contextuais, disputáveis, de mil formas configuráveis, por agregação e desagregação. Nossa “antropologia” quer sustentar compromissos de inclusão, protagonismo, associação, cooperação, emulação, criação, dignificação e realização, generalizados – i. e., de cidadania material - que cobram transformações cumulativamente estruturais.

Por outro lado, consideramos indispensável, nisso tudo, a inclusão de uma moldura nacional, particularizada, que nossa crítica de esquerda brasileira dominante, das últimas décadas, entre assistencialista, religiosa, acadêmica e até pouco popular, não alcança. Essa é uma moldura que a nossa crítica tradicional de esquerda, agora em crise, e muito mais acomodada ao Sistema Maior do que se imagina a si mesma (enquanto se imagina anti-capitalista pra chuchu), não concebe e não alcança, até por certo infantilismo político radicalóide prolongado, e por seu DNA trotsko-católico-academicista, de origem. Ela acaba por entregar esse enquadramento nacional à farsa da pior direita (agora em maré montante), por dificuldade de encontrar e formular a noção de um Destino Comum menos remoto e transcendental, do que “a Revolução” e “o Comunismo”.

Quando na verdade isso é algo que nos deveriam ter suficientemente ensinado, na prática, recentes experiências brasileiras, nacionais, de uma presidência fascista e de uma calamitosa pandemia, por sobre o marasmo e da exaustão da esquerda hegemônica, sem horizonte de saída, que justamente acometeram o País em seu conjunto, como destino comum no sentido mais relevante e objetivo. Além disso, creio que, agora, a crise do, digamos, Sistema Mundo atual, também a nova e bem quente Guerra Fria 2.0, o predomínio

avassalador da Geopolítica, o fim da Globalização, recuperam de modo particularmente claro o protagonismo dos Estados-Nações, e impõem incontornavelmente essa dimensão nacional na prática. Não dá pra dizer aqui mais do que isso, mas isso já é dar muito o que fazer às ciências sociais, economia, filosofia e teoria no País. À Universidade Brasileira, ao pensamento enfim, no Brasil. E nisso não dá para ficar nos mesmos moldes de importação de pensamento teórico-crítico frankfurtiano, de total subordinação à atual divisão internacional do trabalho intelectual.

Já faz alguns anos que publiquei um “Rahel Jaeggi e o Fim da Teoria Crítica Alemã”<sup>8</sup>, agora já se fala entre nós, finalmente, em “esgotamento” da teoria crítica, embora no geral com muitos dos mesmos vícios de sempre. É um campo em que precisamos mudar de paradigma. Vamos admitir, até os frankfurtianos, alemães de lá, ao seu modo, que não há de ser o nosso, estão cientes disso, e nossos intelectuais mais “tímidos”, audaciosíssimos na repetição e nos chavões (até lacanianos), podem agora assumi-lo. É uma tarefa coletiva, plural, de construcionismo e mobilização de pensamento. Uma hora vamos enfrentar isso, como elaboração autônoma, de uma comunidade filosófica nacional. Que não fique pra depois de virarmos “chineses”...

---

<sup>8</sup> Cf. nota 2.